

---

## Ruanda: nação indígena Batwa abre canais de cooperação com autoridades de conservação

Em 1925, o rei Alberto I da Bélgica criou a Área de Vulcões sob Proteção, no atual território de Ruanda e da República Democrática do Congo, que mais tarde virou o Parque Nacional Alberto. No ano 1960, o Parque Alberto foi dividido no Parque Virunga e no Parque dos Vulcões, no noroeste de Ruanda. Em virtude da população de gorilas de montanha em perigo de extinção, ambos os parques são importantes destinos para o ecoturismo. O Parque Nacional Nyungwe, no sudoeste de Ruanda, foi declarado Reserva de Florestas em 1933; como a área em torno do Parque dos Vulcões, esta também possui grande diversidade biológica, em especial, se comparada com as áreas adjacentes, muito menores, ocupadas para a lavoura pela densa população ruandesa.

Essas duas áreas protegidas sobrepõem-se às terras tradicionais dos indígenas Batwa, mas eles não foram consultados quando da criação dos parques, embora, nesse momento, se tratasse de florestas essenciais para o sustento deles. Nos anos que se seguiram, a retirada dos moradores das florestas sob proteção e o incremento da implementação de medidas pelas autoridades conservacionistas, somados à demanda por terra e recursos florestais escassos, por parte de uma população em aumento e grande número de refugiados voltando ao país, exerceram fortíssima pressão sobre as formas de sustento dos moradores Batwa que habitam a floresta. Os Batwa de Ruanda não podem mais manter uma forma de vida baseada na floresta. A persistente incapacidade deles para conseguir terras para a comunidade fora das florestas e a sua marginalização social - produto de um preconceito profundamente enraizado contra esse povo, devido à condição de "pigmeus" e à extremada pobreza - constituem dois graves problemas para os Batwa. Segundo pesquisas realizadas em 1993 e 1997, a percentagem de famílias Batwa que possuíam terras para a lavoura situava-se em 1,6% e 1,5%, respectivamente, quando a média nacional era de 85%. O acesso do povo Batwa aos serviços de saúde e educação é muito inexpressivo. Calcula-se que a matrícula dos Batwa no ensino primário é de 28%, comparada à média nacional de 88%.

Nas últimas décadas, as comunidades Batwa têm recebido escassa informação sobre a gestão dos parques dos Vulcões e Nyungwe, embora muitas continuem dependendo dos recursos localizados dentro dos parques para garantir o sustento, em especial, em torno da floresta de Nyungwe, na distante região sudoeste. A caça e a colheita de mel, alimentos e produtos da floresta continuam sendo elementos importantes na cultura das atuais e antigas comunidades Batwa que habitam as florestas. Os Batwa que moram nas duas áreas em questão têm consciência, no entanto, de que agora "suas" florestas estão sob proteção externa; os relatos a respeito da expulsão das áreas sob proteção e das medidas repressivas praticadas contra os Batwa que tentam continuar garantindo o sustento nas áreas protegidas são eloqüentes.

"Falam-me em parques, e tudo quanto eu sei é que as autoridades e os soldados vieram de longe para tirar a gente com armas e nos dizer que não voltássemos para os vulcões, pois ali não era permitido caçar, procurar mel, água e madeira", afirmou um Batwa.

Apesar da atitude dos administradores do parque e da constante ameaça com repressão por parte dos vigias da floresta, perto de suas comunidades rurais, muitos Batwa que moram nos arredores

---

das duas áreas protegidas ainda continuam dependendo parcialmente dos recursos da floresta, principalmente, por possuírem poucas alternativas de sustento, devido à marginalização social e à falta de terra. Apesar da dependência dos recursos florestais, antes do ano 2001, os órgãos de conservação do governo e as ONGs ruandesas jamais tinham consultado os Batwa a respeito dos programas de gestão dos parques. A fim de garantir o cumprimento da legislação ambiental nacional, continuam sendo aplicadas medidas tradicionais, entre elas, prescrições proibindo atividades de caça e colheita nas florestas, as quais, na atual formulação, vão de encontro às formas de sustento dos Batwa baseadas na floresta.

"O nosso objetivo é a defesa do meio ambiente. Quando começamos o trabalho, a gente não está interessada em saber quem viveu ou não viveu na floresta da caça e da colheita. A nossa missão é proibir toda atividade na floresta por parte da população residente; portanto, a nossa tarefa não é identificar moradores Batwa na floresta", declarou um administrador ruandês da área sob proteção.

Em Ruanda, a partir do ano 2001, instaurou-se um diálogo entre os indígenas Batwa e os órgãos do governo - entre eles, a Agência Ruandesa de Turismo e Parques Nacionais (ORTPN) -, com o esforço da CAURWA, a ONG dos Batwa ruandeses. A CAURWA contactou ministérios no país e organizações conservacionistas internacionais, procurando gerar consciência nesses órgãos quanto ao impacto provocado pelos parques nacionais dos Vulcões e Nyungwe nas comunidades Batwa. Nesse sentido, ela promoveu a realização de oficinas locais, que contaram com a participação de moradores Batwa e autoridades de conservação das duas áreas em questão. Essas consultas geraram uma crescente cooperação entre as autoridades de conservação, a CAURWA e as comunidades Batwa locais, visando a geração de fontes de renda alternativas para os Batwa que moram perto dos parques, e contribuíram para o início de um processo de diálogo que permita aos Batwa satisfazer pelo menos uma parte do sustento nas áreas sob proteção.

Por: John Nelson, Forest Peoples Programme, correio eletrônico: johnnelson@blueyonder.co.uk, www.forestpeoples.org, baseado em estudo de Kalimba Zephyrin e CAURWA. Números tomados de The Twa of Rwanda: 35-41; Visites et recensement des familles Twa. Association pour la Promotion Batwa, 1997; Lewis and Knight - The Twa of Rwanda; Core Welfare Indicators Questionnaire (CWIQ) (2001). Reported in Poverty Reduction Strategy Paper: Zero draft. p. 30. Kigali: MINECOFIN.